cia, já que acreditamos tê-lo deixado claro no que precede) certas críticas que o "panformalismo" de Granger *não* merece, a nosso ver:

1) Não há "assimilação do fenômeno humano ao fenômeno natural", ou esvaziamento da dimensão significativa do vivido. Pelo contrário, o *telos* que nos parece orientar constantemente a reflexão de Granger é a preocupação com a inteligibilidade desta dimensão significativa.

2) Não há a proposta de atrelar a atividade de formalização nas ciências humanas a um matematismo no sentido estreito, isto é, de limitar os métodos e possibilidades das ciências humanas aos instrumentos lógico-matemáticos atualmente disponíveis.

3) Não há *identificação* do inteligível com o formal, na medida em que se reconhece a possibilidade de um acesso conceitual não formal às significações ("Trato", p.3), que é o que constitui precisamente a especificidade da abordagem filosófica. Reconhecemos contudo que este ponto envolve certa dificuldade, na medida em que não encontramos em Granger indicações suficientes sobre como pensar este *conceitual não-formal,* e em que por outro lado o formal parece constituir, para ele, o limite ideal de todo o conhecimento, "a fronteira de nosso entendimento" ("Trato", p.16).

4) Não há, sobretudo, — e esta seria a mais grave falta de compreensão se o afirmássemos — qualquer tentativa de fazer aparecer este panformalismo como uma *solução* que resolvesse os problemas que se colocam para as ciências humanas na tarefa de construção de seu objeto. Tais problemas se colocam em grande parte mesmo, para Granger, *a partir* de seu formalismo, e de forma alguma são escamoteados pelo mesmo. "É preciso reconhecer que um 'esquematismo' verdadeiro das ciências sociais, permitindo a passagem regular da experiência vivida ao conceito, está ainda por descobrir" ("Explication", 3.2); "o problema fundamental das ciências do homem é encontrar o meio de outorgar direito de cidadania às significações num sistema de conceito abstratos" ("Trato", p.3), são fórmulas, entre tantas outras, que sintetizam uma preocupação sempre presente. Das limitações e distinções que convém estabelecer no interior dos próprios formalismos (PF, p.16) a seu pluralismo; da necessidade de investigações pragmáticas independentes da esquematização formal ("Trato", p.17) às exigências de invenção de estruturas novas, o duplo desafio da tradução formal das significações e dos critérios de aplicação ou interpretação dos formalismos em termos de fenômenos significativos está sempre candente, como *a* interrogação fundamental que dá sentido às múltiplas — e frequentemente deso-

rientadoras, para quem como nós nem sempre tem a necessária competência para acompanhá-las — incursões questionadas de Granger nos mais diferentes campos das ciências formais, naturais e humanas, e mesmo à sua filosofia.

O "panformalismo" é *o problema* de Granger, não sua solução às dificuldades epistemológicas das ciências humanas.

3. Língua e sistema formais

No artigo que leva este título, Granger ataca simultaneamente dois tipos de abuso epistemológico. O primeiro, de certa forma interior à epistemologia da linguística, seria o da assimilação das línguas a sistemas formais (e reciprocamente destes àquelas), o que estaria obscurecendo outros modos de estruturação das línguas enquanto objetos científicos. O segundo seria o da "inflação panlinguística", a ameaçar as ciências do homem, inclinadas a nada mais ver, em diferentes domínios, do que estruturas de "língua", confusamente concebidas a partir da intuição comum e de traços de definição saussureana.

Não insistiremos aqui na importância que Granger atribui à linguagem na consideração da ciência. "A ciência é um discurso; quem silencia esta condição está sujeito a nunca mais se orientar a respeito dela" (PF. p. 21). No caso do objeto das ciências humanas há além disso o fato de que ele se dá a conhecer, de forma previlegiada, já *como* discurso, aparecendo como dificilmente isolável de seu *reflexo* na linguagem ("Langue", p.76), ou mesmo sendo por ela *substancialmente* constituídos, como no caso dos mitos ("Trato", p. 14). É esta *recodagem* dos sistemas significantes na língua o que dá origem segundo Granger, à tentação panlinguística de identificá-los com linguagens e tratá-los como tais.

Granger se propõe, então, a distinguir subespécies de sistemas simbólicos, a fim de bem caracterizar as diferenças e relações entre os mesmos. A tipologia proposta compreende três níveis:

(i) Os sistemas simbólicos *infra* linguísticos, espécies mais frustras do mesmo gênero ao qual pertencem também as línguas, mas que obedecem apenas à condição *mínima* de constituir um conjunto de signos, efetivamente dados ou efetivamente construtíveis. Tais sistemas submetem-se à exigência do "fechamento" e à caracteristica "saussureana" de que o valor de cada significante do sistema seja determinado, *pelo menos parcialmente,* por sua oposição ao dos outros elementos do sistema.

(ii) Em contraposição a estes sistemas mínimos, os sistemas simbólicos *formais* serão caracterizados por propriedades mais *fortes*.

tamos que, no estudo das linguagens propriamente ditas, só retém os aspectos passíveis de assimilaçao *a* e *pelos* sistemas formais. O que permite a construção de modelos científicos da moda, dos mitos ou do sistema de parentesco como "linguagens" não é precipuamente o fato deles *se refletirem* na linguagem, ou só serem acessíveis numa formulação linguística: Kroeber, citado por Lévi-Strauss, estudou *materialmente* a estrutura da moda; o sistema de parentesco pode ser abordado de forma estatística e não através das normas explicitamente verbalizadas, etc. O que o estudo de tais sistemas tem em comum com o da língua é pressupor sempre um recorte saussureano no ponto de partida, e proceder pela construção de modelos formais: mas segundo o panformalismo de Granger a construção de *todo objeto científico* teria isto em comum, e consistiria fundamentalmente nisto.

O crescente revelo atribuído, na evolução do pensamento de Granger aos "modelos semânticos" ("Trato", Semiologia II em FE), subprograma, em toda construção de modelos nas ciências humanas, que se preocupa diretamente com a questão da tradução formal das peculiaridades significativas dos diferentes objetos de estudo destas ciências — é indicador seguro de sua preocupação em introduzir na sua epistemologia o aspecto *material* do conhecimento nas diferentes disciplina científicas. Aspecto este que seria o único capaz de *individualizá-las,* já que do ponto de vista dos procedimentos formais todas elas se equiparam. Se o fato de que Granger se limita o mais das vezes, neste campo, a indicações prescritivas e considerações críticas mais do que a análises de realizações efetivas, se deve a deficiências de seu aparato epistemológico ou ao estado atual das próprias ciências humanas, é coisa que cabe a uma investigação mais ampla tentar decidir.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

BIBLIOGRAFIA

GRANGrR, G. - G. — *Pensée formellt et sciences de l'homme*. Paris, Aubier-Montaigne, 1967 (2ª ed.) 1ª ed. 1960. (PF)

—— *Filosofia do estilo*. São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1974. (ed. francesa original 1968). (FE)

—— "Langue et systèmes formels" (1969), in *Langages*, 21, Mars 1971. ("Langue")

—— "L'explication dans les sciences sociales" (1970), in *Inf. dans les sciences sociales*, 10, 2, 1971. ("L'explication")

—— "Sobre el trato de los hechos humanos como objetos" (1973), in *Diánoia,* abril 1974. ("Trato")

LÉVI-STRAUSS, C. — *O Pensamento Selvagem*. S. Paulo, C.E.N., 1967 (ed. orig. franc. 1962).

—— *Antropologia estrutural* Rio, Tempo Brasileiro (ed orig franc 1958).